



Assunção de Nossa Senhora (Ano C)

O texto – Lc 1,39-56

39 Maria, levantando-se naqueles dias,
partiu à pressa para a montanha a uma cidade da Judeia.
40 Entrou em casa de Zacarias e SAUDOU Isabel.

41 E aconteceu quando Isabel ouviu A SAUDAÇÃO de Maria,
o MENINO SALTOU NO SEIO.

Isabel ficou cheia do Espírito Santo.
42 e exclamou em alta voz, dizendo:
«**BENDITA** és tu entre as mulheres
e **BENDITO** é o fruto do teu ventre.

43 E donde me é dado que A **MÃE DO MEU SENHOR** venha ter comigo?

44 Eis, quando chegou a voz da TUA SAUDAÇÃO aos meus ouvidos,
o MENINO SALTOU DE ALEGRIA NO MEU SEIO.

45 **FELIZ** daquela que acreditou
no cumprimento das palavras do Senhor».

46 Maria disse, então:

«Glorifica a minha alma o Senhor
47 e exulta o meu espírito em Deus, **meu Salvador**.
48 *porque* olhou a **HUMILDADE da SUA SERVA**.

E eis que agora em diante,
me chamarão bem-aventurada todas as gerações.
49 *porque* fez por mim **GRANDES** (coisas) o **PODEROSO**.
e Santo (é) o seu nome.

50 A sua misericórdia
de geração em geração
sobre aqueles que o temem.

51 *Faz força* pelo seu braço
dispersa os *soberbos* nos pensamentos do seu coração.

52 Derruba os *poderosos* dos tronos
E EXALTA OS HUMILDES.

53 Aos *famintos* enche de bens

e aos *ricos* despede vazios.

⁵⁴ Socorreu Israel, SEU SERVO,

recordando-se da sua misericórdia,
⁵⁵ como tinha dito aos nossos pais,
a Abraão e à sua descendência,
para sempre».

⁵⁶ Maria ficou com ela cerca de três meses. Depois voltou a sua casa.

Breve comentário

A viagem de Maria responde às indicações angélicas mas também às próprias exigências. A gravidez de Isabel é o sinal que deve dar crédito à experiência que Maria acabou de ter no anúncio feito pelo anjo. A pressa com que se move sublinha o estado de espírito e a ânsia de quem teve um encontro particular com Deus e espera verificar a prova. Também em Maria a fé tem necessidade de apoios, de garantias, de confirmações.

Esta ida a casa de Zacarias não é apenas uma visita de cortesia mas uma mensagem de salvação, como cumprimento da vontade de Deus. Agora Maria está ao serviço do filho que faz a sua primeira viagem missionária através da mãe que o leva no seio. O encontro das mães está, portanto, em função dos filhos que vão encontrar-se, desde já, pela mesma causa. Mesmo sem terem ainda visto a luz, comunicam entre si.

O trajecto apresentado por Lucas parece recalcar o antigo caminho da Arca da Aliança da casa de Obed Edom para a cidade de David (2Sm 6,2ss). Tal como a arca sobe para a cidade santa, Maria sobe para o país de Judá, em direcção a Jerusalém. Gritos e aclamações de júbilo, saltos de alegria, saúdam a vinda da arca para Jerusalém e a chegada de Maria junto da parente. Ela substituiu a Arca da Aliança, tornou-se a sede, o novo trono de Deus no meio do seu povo. Os efeitos operados na casa de Zacarias são uma confirmação: O menino salta de alegria, Isabel ficou cheia do Espírito Santo e aclama jubilosamente a nova Arca e o seu conteúdo.

Isabel exprime um cântico de louvor inspirado: Maria é «bendita» entre as mulheres e «bendito» é o fruto do seu ventre, para logo a seguir unir os dois na expressão «Mãe do meu Senhor». Este é o ponto de chegada da revelação evangélica: o menino que Maria traz no seu seio é o «Senhor», isto é, o Messias real, apresentado na anunciação como filho de David destinado a herdar um trono sem fim, precisamente aquele que se vem a revelar como filho de Deus, podendo usar com toda a propriedade o título de «Senhor», e Maria é associada à sua dignidade com o título de «Mãe», a mãe do messias real, a mãe do filho de Deus.

O último elogio de Isabel em relação a Maria é para a declarar «feliz» pela sua fé, aquela virtude que a acompanhou no seu caminho e lhe assegurou o seu papel no plano de Deus.

O cântico que o evangelista coloca na boca de Maria pode ter sido escolhido do reportório litúrgico e inserido na sua obra por causa da exultação pela salvação messiânica destinada particularmente aos pobres, aos fracos, aos perseguidos, aos aflitos. Do ponto de vista literário, não estamos perante uma composição feita num instante mas perante um conjunto de textos e de citações bíblicas, sem que venha a ser comprometida a sua unidade.

O ponto de partida é a alegria messiânica que invadiu o ânimo de Maria e de quantos com ela esperam a salvação, mas o facto mais importante é que é comunicada aos últimos da escala social. Maria designa a sua condição e a daqueles com um termo muito expressivo: humilhação, baixaza, colocando-se entre os *anawim*, ou seja, os pobres de Yahweh. Portanto, nela, os humildes, os pobres os deserdados levantam as suas cabeças com confiança e esperança.

Isabel teceu o elogio da mãe do Senhor. Agora a sua pessoa e sobretudo a sua missão fazem parte da história da salvação: todas as gerações dos crentes a aplaudem (v.48).

As «grandes coisas» realizadas pelo Poderoso são as mencionadas antes pelo anjo e por Isabel, isto é, a maternidade messiânica. Maria coloca o poder de Deus na origem de tudo o que se operou nela, mas sente que é seu dever fazer um apelo à santidade do Altíssimo: «Santo é o seu Nome». O nome é um hebraísmo que está para o ser, a própria pessoa, neste caso, Deus (v.49).

Porque é «santo», ou seja, sem a imperfeição daqueles que vivem sobre a terra, Deus é misericordioso, pronto para o perdão em relação àqueles que o veneram e o temem, isto é, os membros do seu povo. A «misericórdia», em hebraico *hesed*, sublinha igualmente a fidelidade de Deus às suas promessas. Ele é misericordioso na sua essência, não como uma simples resposta à atitude dos homens, mas por coerência para com a sua santidade. A misericórdia-fidelidade de Deus está presente em todas as gerações, não apenas sobre Israel mas sobre todos (v. 50).

O poder de Deus é evocado uma vez mais mas contra os inimigos, os opositores do seu plano (vv. 51-52), os soberbos, os poderosos, os ricos. Uns concebem projectos grandiosos, quase antagónicos em relação a Deus, outros dominam os súbditos a partir das suas posições superiores (os tronos); têm muitos bens, enquanto outros morrem de fome (v 53). São os opressores de Israel, no passado e no presente, mas também todos os dominadores ou tiranos da humanidade, feita de pessoas pobres, indigentes, famintos.

A sociedade aparece dividida em duas grandes classes opostas, mas esta situação é destinada a mudar. Deus começará a dispersar os soberbos, a confundi-los nos seus pensamentos e a fazê-los cair nas suas próprias maquinações (v. 51). A elevação dos humildes e o enriquecimento dos pobres (famintos) é o programa messiânico que Jesus anunciará na sinagoga de Nazaré (4,16-18) e que se encontra antecipado no cântico de Maria.

As antigas promessas feitas a Abraão que abarcavam uma bênção, uma descendência, uma terra, isto é, um espaço de liberdade, encontraram agora o seu cumprimento. A «misericórdia» de Deus, a sua fidelidade desde o início, é a garantia da salvação e da actual libertação. E «para sempre», isto é, irreversíveis, são os benefícios de Deus, os seus dons, com o fim dos sofrimentos, das perseguições e a consequente exaltação e glorificação de Israel.

P. Franclim Pacheco
Diocese de Aveiro